

As cidades precisam se preparar para a crise climática

» JULIANA BALADELLI RIBEIRO
Especialista em soluções baseadas na natureza na Fundação Grupo Boticário



Você já pensou como era a sua cidade antes de ser uma cidade? Quais animais andavam por onde hoje trafegam carros, ônibus e motocicletas? Que tipo de vegetação era dominante, ou quais povos habitavam a região? As áreas urbanas, hoje ocupadas por ruas, avenidas, casas, comércios movimentados, onde vivem 70% dos habitantes do planeta, nem sempre foram assim. A maioria das cidades do mundo nasceu às margens dos rios e hoje convive com eles: Paris e o Rio Sena; Londres e o Rio Tâmisa; Porto Alegre e o Rio Guaíba; e São Paulo, que cresceu entre os rios Pinheiros e Tietê. Suas águas eram utilizadas para suprir todas as necessidades da população, como abastecimento, pesca, transporte, limpeza, dessedentação de animais e lazer.

Quanto de nós ainda lembram de tomar banho de rio, apenas algumas décadas atrás? Isso mostra a nossa dependência em relação ao serviço ecossistêmico mais precioso do mundo: a água limpa. Nossas cidades foram construídas por cima de um ambiente natural e até hoje vemos reflexos desta ocupação, muitas vezes realizada sem planejamento. As cidades se desenvolveram à margem dos rios e depois os esconderam, buscando em cursos d'água mais longínquos aquilo que seu berço não mais conseguia prover.

Em momentos de chuvas intensas, é muito comum que os rios, escondidos, despercebidos, embaixo daquela avenida tão movimentada, transbordem. É então que seus habitantes se dão conta de que ainda estão ali, vivos, dinâmicos, pulsando sob o asfalto.

Em momentos de secas e estiagens severas, nos lembramos de que existe água debaixo da terra: aumenta o número de poços artesianos perfurados e a preocupação sobre um futuro com escassez hídrica. Mas essa preocupação normalmente é lavada pela primeira chuva que traz de volta outros problemas, como os resíduos descartados sem o devido cuidado, que entopem bueiros e assim atrapalham que a água das chuvas chegue em seu destino natural... O rio, que está ali, canalizado, seguindo seu fluxo.

Muitas cidades estão percebendo que não adianta lutar contra a força da natureza. Não adianta canalizar rios, cortar árvores, impermeabilizar todo o solo, e então torcer pela quantidade de chuva adequada e por temperaturas mais amenas. A crise climática que bate à nossa porta tem como uma de suas principais consequências a alteração nos padrões de chuva. As tendências de impactos da mudança do clima variam muito de uma região para outra, mas de forma geral, podemos perceber eventos climáticos mais extremos, como chuvas intensas ocorrendo com maior frequência e estiagens mais prolongadas. As cidades costeiras têm preocupações adicionais, como o aumento do nível do mar, a intrusão salina (invasão de água salgada no lençol freático) e a maior frequência de tempestades mais fortes, que podem se tornar ciclones ou furacões.

Muitas localidades usam a força e a sabedoria da natureza a seu favor. Na cidade de Rio Cheonggyecheon, Coreia do Sul, em um curto espaço de tempo, o

rio que cruzava a área central foi revitalizado. Um projeto complexo foi necessário, com a implosão de um enorme viaduto de concreto e o estímulo ao uso do transporte público. Como recompensa, hoje o rio é habitado por peixes, possui cascatas e parques lineares em seu entorno e se transformou em novo ponto turístico.

No Brasil, Recife (PE) está colocando em prática o projeto de revitalização do Rio Capibaribe, com planejamento urbano integrado a Soluções Baseadas na Natureza. O rio que divide a cidade, vai passar a ser ponto de encontro e orgulho para seus moradores. Em Curitiba (PR), o Rio Barigui apresenta diversos parques em suas margens, sendo o mais famoso — o Parque Barigui — criado na década de 1970 sob a justificativa de que seu lago servisse como bacia de contenção de cheias. Hoje é o parque mais amado da capital paranaense e uma avaliação de retorno de investimento, realizada pela prefeitura em parceria com a Fundação Grupo Boticário, identificou que a cada R\$ 1 investido no local, retornam para a cidade R\$ 12,50.

É preciso que as cidades façam as pazes com seus rios e reconheçam ali a grandiosidade da vida e enormes oportunidades de transformação social. Grandes metrópoles do mundo têm nos cursos d'água seu cartão-postal, contando com a paisagem do entorno dos rios para gerar oportunidades de negócios, lazer, turismo e recreação para a população. Crises são oportunidades e a crise climática pode ser uma boa chance para que as áreas urbanas se reconciliem com seus recursos hídricos.

A dose e o veneno da reforma tributária

» LUIZ NICOLAIEWSKY
Superintendente do Sindicato Nacional da Indústria da Cerveja (Sindicerv)

Em meados do século 16, o médico e físico Paracelso disse que a diferença entre o remédio e o veneno é a dose. Em exagero, ambos podem matar. Em doses insuficientes, um não mata, e o outro jamais cura. Esse pensamento é particularmente adequado nesse momento em que se coloca em pauta a reforma tributária. A indústria brasileira — tendo o setor da cerveja como um grande player — está atenta aos principais movimentos da agenda de desenvolvimento econômico e social do país e um dos seus pontos mais importantes é a reforma tributária. Em discussão no parlamento, se bem conduzida, a reforma será fundamental para a retomada econômica, a geração de empregos e o aumento da renda da população brasileira pós-pandemia.

Trata-se de um dos setores de extrema relevância no Brasil. Afinal de contas, somos o terceiro maior produtor de cerveja do mundo, com uma das cadeias produtivas mais extensas, que gera mais de 2 milhões de postos de trabalho, R\$ 25 bilhões por ano de tributos e representa pouco mais de 2% do PIB. Por este motivo, podemos afirmar que a indústria da cerveja é peça fundamental nesse processo de retomada do crescimento econômico.

Neste momento tão particular e delicado, aprendemos a repensar nossas atitudes, rever nossos valores, viver com menos e de forma mais simples. E essa lógica precisa ser aplicada também ao nosso sistema tributário. Avançar com a reforma tributária hoje no Brasil é urgente e crucial. O setor apoia uma ampla reforma tributária, abrangendo todos os tributos sobre o consumo e que seja efetivamente transformadora, tendo como fim maior a simplificação de todo o sistema, a eliminação da burocracia e da insegurança jurídica, sem que se promova um aumento da atual carga impositiva, que já é uma das maiores do mundo.

Para ir ainda mais fundo no tema, contratamos um estudo junto à Fundação Getúlio Vargas com o objetivo de mapear o setor e simular as propostas que se encontram em debate no Congresso Nacional. As simulações apontam que majorações na carga tributária vigente produziram consequências negativas não apenas para o setor, mas, em especial, para o país.

Um potencial incremento, nos moldes do que tem sido preconizado e apresentado acarretará redução expressiva na renda, nos empregos, nos investimentos e na arrecadação por parte dos Estados e da União. Não é um prognóstico de uma única indústria. A cadeia produtiva da cerveja começa no campo, passa por transporte, energia, veículos, alumínio e vidro, só para citar alguns exemplos. Ou seja, toda e qualquer iniciativa tem impacto, para o bem ou para o mal, nessa cadeia.

Relembrando da analogia do filósofo Paracelso, é preciso conversarmos sobre a “dose” para que não haja exageros ou que as medidas sejam insuficientes. Apoiamos a reforma tributária ampla e abrangente, que traga simplificação e não aumento de carga. Não é hora de aumentar imposto. O momento agora é de acertar a dose para que o remédio não se torne veneno. Defendemos, por isso, a ampla discussão, a reflexão e a união para trabalharmos a favor de uma indústria nacional forte e colaborativa para reencontrar o caminho do crescimento de que tanto necessitamos.

A evolução da saúde em tempos de pandemia

» WILSON POLLARA

Médico e superintendente do Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual de São Paulo (IASPE). Foi diretor-executivo do Instituto Central do Hospital das Clínicas, Secretário Adjunto de Estado da Saúde de São Paulo e Secretário Municipal de Saúde de São Paulo entre 2017 e 2018

A comemoração dos 60 anos do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo (HSPE) ocorre num momento emblemático e inédito na história da medicina. Desde que a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do novo coronavírus — em 11 de março de 2020 — este tem sido um período repleto de adversidades, mas também que produzirá avanços administrativos e tecnológicos para todos os gestores da saúde.

Trata-se de uma epidemia silenciosa, que exige um esforço multidisciplinar de proporções enormes para as equipes definirem as melhores estratégias terapêuticas. A OMS já estimou que 10% dos pacientes que contraem o novo coronavírus desenvolvem a síndrome pós-covid. Ou seja, mesmo após três meses da fase aguda da doença, esse grupo precisará de algum tratamento para lidar com os efeitos da infecção.

Entre as síndromes clínicas reportadas está a de Guillain-Barré — uma doença autoimune grave em que o próprio sistema imunológico passa a atacar as células nervosas, levando à inflamação nos nervos e, conseqüentemente, à fraqueza e à paralisia muscular. Também devemos ficar atentos sobre a covid-19 longa em pessoas que continuam com acometimento pulmonar, cardíaco, entre outros sintomas, mesmo após quatro a 12 semanas, sem outro diagnóstico que justifique. Como gestor hospitalar, reconheço que teremos o desafio de atender esses novos casos, além de manter a eficiência para promover saúde, prevenção, controle de doenças crônicas e reabilitação.

Mas, desde sua abertura, no aniversário da Revolução Constitucionalista de 9 de julho de 1961, o HSPE tornou-se referência em atenção básica na saúde e em tratamento de alta complexidade. Não será dife-

rente neste período de crise sanitária. Nos próximos meses, vamos implementar uma nova ferramenta imprescindível para aprimorar um sistema baseado na atenção primária aos pacientes. Utilizaremos um software que poderá ser acessado por um aplicativo para realizar um censo de saúde. O objetivo será entrevistar e coletar dados dos nossos 1,3 milhão de usuários para atender de forma equitativa e eficiente às necessidades de saúde dos servidores públicos estaduais e beneficiários. Com isso, poderemos analisar fatores de risco e mapear as necessidades de tratamentos, intervenções e medicamentos por região.

O censo de saúde promovido pelo HSPE permitirá também traçar metas e práticas dos mais altos padrões de qualidade e previsão para o credenciamento de novos hospitais, clínicas, laboratórios e médicos. Essa ação já estava sendo planejada, mas a pandemia da covid-19 acelerou sua implementação. A nova ferramenta fornecerá informações fundamentais para orientar seus profissionais de saúde nas mais de 50 especialidades. Assim vamos manter nossa essência de cuidar de pessoas, e antecipar tratamentos ao invés de apenas tratar doenças ou condições específicas.

Em momentos de crise também é preciso demonstrar agilidade. O HSPE foi pioneiro ao instalar o primeiro pronto atendimento exclusivo para pacientes com suspeita da covid-19 em São Paulo. O Gripário, como ficou conhecida a unidade, foi instalado em 18 de março de 2020, cinco dias depois de o governo do Estado de São Paulo anunciar a suspensão das aulas presenciais. Até o momento, foram realizados mais de 40 mil atendimentos. Esse espaço ajudou a reduzir os riscos de contaminação entre pacientes que buscavam o hospital para

emergências não relacionadas ao novo coronavírus.

Outro avanço provocado pela covid-19 que veio para ficar foi a Telemedicina. Boa parte do atendimento continuará a ser presencial, mas em consultas de retorno ou orientação, essa ferramenta se demonstrou amplamente eficaz. Ajudou ainda a evitar a exposição dos vulneráveis ao risco de contaminação ao Sars-CoV-2. Além de contribuir para estreitar o relacionamento entre médicos e pacientes, e agilizar o acesso entre ambos. O HSPE é uma das principais unidades no tratamento de pessoas acima de 60 anos na América Latina. Atende cerca de 10% da população idosa de todo o estado. Às vésperas de completar seis décadas de existência, a unidade ganhou um Centro de Simulação Realística com equipamentos modernos para atendimentos clínicos e cirúrgicos com bonecos simuladores de alta-fidelidade, para oferecer cursos teórico-práticos em cenários que reproduzem o cotidiano do ambiente hospitalar.

Nos próximos 60, anos teremos uma medicina cada vez mais moderna, eficiente, integrada e formada por equipes multidisciplinares. O legado deste momento histórico trágico — em que ultrapassamos a triste marca de meio milhão de mortes pela covid-19 — será o investimento global em saúde e ciência de qualidade. Tanto na área tecnológica quanto na de recursos humanos. E isso não inclui só os médicos, mas os técnicos, enfermeiros, nutricionistas, os fisioterapeutas, cientistas, e toda cadeia de profissionais que dá suporte para manter esse atendimento. O Hospital do Servidor Público Estadual continuará a produzir estudos científicos, colaborar com pesquisas e exercer a medicina com o que há de mais nobre na arte de promover saúde.